

Trajatórias discursivas em torno do coronavírus. Trayectorias discursivas en torno al coronavirus. *Discursive trajectories around the coronavirus*

Antonio Fausto Neto

(pág 245 - pág 257)

Examina-se a circulação do coronavírus no contexto brasileiro através do funcionamento de discursos –político, médico-sanitário, midiático e jurisdiccional– que se entrelaçam em circuitos de diferentes sistemas sociais. Objetiva-se recuperar marcas de estratégias discursivas, particularmente, em torno de duas modalidades de enunciação: a que orienta ações inspiradas em argumentações pró-isolamento da população, como forma de conter trajetórias do vírus; e a de caráter exortativo anunciando “palavras de ordem” contra normas sanitárias e que se presentificam, especificamente, em discursos presidenciais. São estratégias que não estão em convergência que, portanto, se disputam no cenário de complexa mediação, uma vez que são diferentes os fundamentos e as motivações que as sustentam.

Palavras-chave: COVID-19; circulação; interpenetrações; estratégias discursivas; enunciação.

La circulación del coronavirus en el contexto brasileño se examina a través del funcionamiento de discursos –político, médico-sanitario, mediático y jurisdiccional– que se entrelazan en circuitos de diferentes sistemas sociales. El objetivo es recuperar huellas de estrategias discursivas, particularmente en torno a dos tipos de enunciación: el que orienta acciones inspiradas en argumentos para el aislamiento de la población, como forma de contener las trayectorias del virus; y el de carácter exhortador que anuncia “consignas” contra las normas sanitarias y que está presente, específicamente, en los discursos presidenciales. Se trata de estrategias que no están en convergencia y, por tanto, compiten en el complejo escenario de mediación, ya que los fundamentos y motivaciones que las sustentan son diferentes.

Palabras clave: COVID-19; circulación; interpenetraciones; estrategias discursivas; enunciación.

The circulation of the coronavirus in the Brazilian context is examined through

the functioning of political, medical-health, media, and jurisdictional discourses, which intertwine in circuits of different social systems. The objective is to recover marks of discursive strategies, particularly around two types of enunciation: the one that guides actions inspired by arguments for the isolation of the population, as a way of containing the trajectories of the virus; and the one of an exhortative character announcing “slogans” against sanitary norms and that are present, specifically, in presidential speeches. These are strategies that are not in convergence and, therefore, are disputed in the complex mediatization scenario since the fundamentals and motivations that support them are different.

Keywords: COVID-19; circulation; interpenetrations; discursive strategies; enunciation.

Antonio Fausto Neto, professor titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS, autor de *Mortes em derrapagem* (1991); *O impeachment da televisão* (1995); *Ensinando à TV Escola* (2001); *Desconstruindo os sentidos* (2001); *Lula Presidente – Televisão e política na campanha eleitoral* (2003); *O mundo das mídias* (2004). E-mail: afaustoneto@gmail.com.

Fecha de presentación: 07/07/2020

Fecha de aceptación: 26/08/2020

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Examinamos algumas condições de construção e de circulação de discursos sociais sobre o coronavírus em cenários de mediação no Brasil, nos quais práticas institucionais de diferentes naturezas são enunciadas. Durante muitos anos, o campo dos media (suas lógicas e operações) se destacou como uma espécie de “fala intermediária” (Flahaut 1982) na veiculação de discursos, atividade que o levou a ser reconhecido como uma espécie de “elo de contato” entre as instituições e os atores sociais. Porém, mutações mais recentes, fazem com que eles deixem ser apenas ponto de contato, ao se destacarem como referência central para a produção de processos de produção de sentidos. Trata-se da passagem do cenário da “sociedade dos meios” para o da “sociedade midiaticizada”, caracterizada principalmente pelos efeitos da Internet sobre a arquitetura dos processos de produção, circulação e reconhecimento de discursos afetando os vínculos entre instituições e atores, que passam a ser tecidos por novas formas de referências midiáticas. Duas consequências dentre outras resultam destas transformações: na primeira, desaparece o protagonismo direto dos campos sociais, ao ser deslocado para esfera dos próprios atores institucionais, que passam a manejar diretamente as diferentes possibilidades de contato com segmentos de coletivos. Mutações consideradas vitais para transformação das condições de contato/distância entre gestores de políticas de várias naturezas e seus seguidores se evidenciam na ambiência e nas condições de governabilidade dos processos políticos, indo além de clássicas relações entre as instituições e os atores sociais (Fausto Neto, Mouchon, Verón 2012). A segunda consequência está relacionada com o surgimento de novas formas de interação entre os diferentes sistemas sociais, cujas articulações passam a ser construídas em torno de ações interpenetrantes no cenário de complexa circulação (Fausto Neto, 2013) envolvendo diferentes autopoiesis geradoras de intercâmbios convergentes, mas também outras, de caráter conflitual (Luhman 2008).

Marcas destas consequências manifestam-se atualmente, no contexto brasileiro, nos cenários político e sanitário e estão relacionadas com a eclosão e disseminação do coronavírus, e se especificam através de estratégias comunicacionais desenvolvidas principalmente pelos sistemas político e sanitário. A primeira, que já vinha sendo gestada desde 2018, na campanha das eleições presidenciais, inspirada no contato direto entre o candidato (posteriormente eleito presidente) e atores sociais. Intensifica-se ao longo dos primeiros 18 meses do mandato do atual presidente, particularmente no contexto da pandemia. Esta se faz se seguindo a tônica de desqualificação de instituições mediadoras, como as jornalísticas e seus atores, bem como aquelas do campo sanitário responsáveis pelas ações de contenção do vírus, através de isolamento social, inspiradas em orientações da OMS, cujo operador principal de uma segunda estratégia é o Ministério da Saúde. Desponta um cenário de “conflagração discursiva” cujas práticas se materializam segundo lógicas de mediação. Se o vírus se dissemina de modo célere, através de dinâmicas de fluxos e de trajetórias, torna-se objeto associado à circulação, enquanto um conceito central nos estudos atuais sobre a mediação em processo. Sua gênese e expansão são vinculadas a conceitos correlatos a circulação, como os de movimento, deslocamento, contato e aglomeração. E as potencialidades de sua contenção estão também condicionadas às ações que visam inibir os fluxos da sua circulação, via o deslocamento das pessoas, evitando formas de contatos e de modalidades de interação, na esfera da organização social.

O corolário –quanto mais contato mais favorece a circulação do vírus– é apropriado, estratégias distintas pelos dois sistemas, conforme a descrição abaixo. Grosso modo, o discurso sanitaria restringe a circulação dos indivíduos, e oferece como recompensa, o controle do vírus e dos seus efeitos. O discurso político denega as formas de controle avocando, dentre outras racionalidades, a preservação das liberdades dos indivíduos como condição para usufruir dos bens econômicos e dos seus efeitos.

2. CENÁRIOS CONFLITUAIS

Estas duas concepções se organizam em cenários distintos, mas se contatam através de operações de estratégias discursivas segundo práticas que as envolvem de modo complexo. As teses favoráveis ao isolamento são implementadas por ações interpenetrantes de instituições identificadas com lógicas sociais convergentes com a preservação de cuidados (sanitárias, saúde, educativas, associativas, jurídicas, científicas, midiáticas etc.). As ações que sustentam o não isolamento são anunciadas por entidades afins ao processo produtivo e convergentes com programas governamentais, etc. Manifestam-se segundo conflagração discursiva na qual os processos de mediação vão além de discursos informativos. Destacam-se, neste contexto de lógicas e operações conflituais, como uma instância engendradora de novos cenários de contato ao dinamizar o funcionamento de suas práticas, segundo processos interacionais nos quais se constituem como operadores centrais.

As teses do “campanhismo sanitário” são assumidas por um “consórcio interinstitucional”, enquanto um dispositivo que articula saberes e conhecimentos de diferentes sistemas por serem compartilhados por coletivos. O Ministério da Saúde foi, até a demissão de dois ministros (por defenderem a tese do isolamento), o principal operador desta ação multi-institucional. Destacou-se em uma primeira fase como operador de contato com a sociedade apoiando-se na mediação de protocolos e dados epidemiológicos a respeito da disseminação do vírus, além de relatos de natureza interdisciplinar que ensejariam novas formas de gestão da crise. As coberturas de mídias audiovisuais, eletrônicas e impressas aderiram a esta estratégia abandonando suas rotinas, escolhendo novas formas de conversação, e especialistas de diferentes áreas de conhecimento deslocam-se para ambientes midiáticos, nos quais interagem “ao vivo”, com diversos coletivos, sobre orientações para conter a pandemia emergente, valorizando narrativas de fundo sanitário-educativo. Se por um lado as ações pró-isolamento retiraram as pessoas de circuitos de contatos, por outro inauguram, via a mediação, diferentes possibilidades de novas formas de contato entre seus operadores e coletivos. Estes últimos suscitam, além da aliança de velhos e novos *media*, vários efeitos como interações entre sistemas sociais diversos, algo que somente se engendraria em situações de tamanha complexidade como a pandemia. Além de ensinar novos e complexos *feedbacks*, estas novas operações significantes transformam outras possibilidades de contatos entre diferentes práticas sociais (Verón 1997, 2004).

O desacordo da estratégia presidencial com as ações pró-isolamento estava também associado a motivações políticas. A retirada das pessoas de contextos de aglomerações diminuiria as possibilidades de interação que ela buscaria estabelecer com as “bolhas” dos seus seguidores, inibindo avanços na “democracia direta”, pleiteada pelo presidente.

Ao perceber que tais orientações ofuscariam seu protagonismo político, o presidente amplia ataques as políticas sanitárias etc. segundo estratégias que combinam denúncia, desqualificação e exortação. Adotando um discurso autorreferente centralizado em uma performance que se materializa pelo périplo de um corpo a corpo, junto a ambientes coletivos, ingressa nas redes via o Twitter e *lives* semanais, ignora restrições impostas as situações de aglomerações e sai à cata de pares, em lanchonetes, padarias, farmácias, templos e outros ambientes fechados. Desobedecendo normas sanitárias que prescrevem uso de máscaras e de álcool-gel, vai ao encontro de seguidores em manifestações por eles organizadas, onde ratifica o fundamento previsto por sua estratégia: não perder o contato com seus coletivos, para executar o combate as teses dos sanitaristas. Nos raros momentos em que esteve com instituições mediadoras e seus representantes (jornalistas), o fez em um pequeno espaço construído nas imediações do palácio residencial, travando com eles tensos contatos, entre palavras de ironias e de outras formas de agressividades cujas modalidades de intervenção física, chegaram mesmo a ser anunciadas, conforme enunciadas pelo presidente.

3. ENUNCIÇÕES EM DISPUTAS

Diferentemente do funcionamento dos discursos sociais sobre a AIDS, que tiveram nos mass media uma referência central –com a “maquinaria midiática” a nomeando como uma doença da atualidade (Fausto Neto 1999 e Veron 1984)– o coronavírus emerge e circula na ambiência da mediatização, segundo outros “modos de existência”.

Se a AIDS foi também objeto de um longo trabalho de nomeação por parte de outros discursos sociais, o coronavírus é objeto de trajetórias de discursos que disputam inclusive seus efeitos, segundo modalidades de relacionamento com o vírus, estratégias e diferentes noções de controle e de combate, conforme cenários distintos e heterogêneos.

No contexto de ocorrência da AIDS discursos buscavam veios interpretativos nas fronteiras dos campos, para nomear esta estranha enfermidade que matou milhões no fim do século passado. Já na trajetória do coronavírus observa-se outro empreendimento interpretativo que está voltado para uma luta de disputa de sentidos, segundo lógicas e matrizes enunciativas de distintas instituições. Nela, efeitos de sentidos derivam de saberes que se ligam em termos de cooperações interdiscursivas, mas cujo funcionamento vai adiante das fronteiras de campos, segundo trajetórias de circuitos de várias naturezas. Neste cenário em processo, o discurso político de combate desenvolve escalada de argumentos –desde a nomeação e a recusa do vírus– ignorando a singularidade de discursos instrucionais sobre os modos de tratá-lo, conforme perspectivas e fundamentos apresentados pelos discursos epidemiológicos. Se as orientações dos pontos de vistas que aí circulam sublinham a importância dos cuidados para com os processos de circulação, via a exortação pró “isolamento social”, estratégia oposta a esta concepção se expressa, através de um determinado funcionamento do discurso político fundamentada em torno da ideia do combate ao isolamento. O enfoque epidemiológico destaca a singularidade do paradigma de multi- ações via saberes que se interligam e que atuariam neste combate, segundo intercambialidades de pontos de vistas diversos. Os fundamentos da estratégia do “discurso de combate” valem-se de uma outra compreensão sobre a circulação, que

nega paradigma sanitário e defende o estímulo ao espalhamento da mobilidade social sem processos de regulação. Entende ainda que efeitos desta dinâmica interacional se manifestariam sem ruídos, na crença de que as lógicas e gramáticas sobre as quais se fundamenta a oferta do combate se imporiam positivamente, em termos de efeitos, efetivando-se seus objetivos em termos de sentido único. Porém, não se retém um outro princípio (não unidimensional) acerca do funcionamento de práticas sociais no contexto de circuitos da midiaticização, segundo o qual fenômenos complexos como o coronavírus, se engendram e se disseminam discursivamente, segundo diversidades de *feedbacks* complexos e não lineares, trazendo marcas de diferentes lógicas e de gramáticas dos vários sistemas que tratam de enunciá-lo. De acordo com esta ponderação, se os discursos sociais são, por um lado, produzidos segundo acoplamentos e interpenetrações convergentes, em termos institucionais, por outro, reúnem na sua materialidade significativa, pistas de uma diversidade de sentidos em disputa, conforme se descreve nos fragmentos de discursos do corpus examinado no próximo item.

Os materiais aqui analisados são de discursos políticos e sanitários que são midiaticizados segundo diferentes operações desde a eclosão do vírus aos dias atuais. Nesta condições seguimos trajetórias de alguns circuitos de construção jornalística (Braga 2012), como a primeira instância midiaticizadora do vírus, no contexto da midiaticização no Brasil. Significa que a natureza do seu trabalho não foi de veiculação de relatos sobre o vírus, enquanto “lugar receptor” de outros discursos, mas através de enlaces de circuitos nos quais enunciou suas próprias estratégias, e duas outras, engendradas pelo sistema político e pelo sistema sanitário, respectivamente, em acoplamentos com outros sistemas sociais. Debruçamo-nos sobre processos de enunciação de estratégias que seguem processualidades e temporalidades que envolvem discursividades que emanam de instituições distintas envolvidas nas estratégias, mas que se vinculam na ambiência da midiaticização via agenciamentos de jornais, revistas, agências de notícias, sites, *lives*, aplicativos, emissões televisivas, radiofônicas, etc.). Inspiramo-nos em estudos que examinam funcionamento de discursos de caráter sócio-institucional, em uma nova articulação, que vai além da performance dos meios, e que se materializa em “corpus” de discursos em contato uns com os outros, na ambiência da midiaticização (Veron 1986; Culioli 2010; Mouillaud 1997; Fausto Neto 2013 e 2016).

3.1. ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS DOS DISCURSOS “PRÓ ISOLAMENTO”

Para visualizar este ângulo, destacamos alguns fragmentos de falas que se situam no contexto de enunciações que são construídas a partir de modalizações (Culioli 2010) através das quais o sujeito da enunciação anuncia sua relação com o discurso e os possíveis efeitos por ele presumido, no âmbito de sua interlocução. Destacamos inicialmente falas do primeiro ministro da saúde, que vieram a público, em tom acusatório, contra as pressões do presidente em favor da suspensão do isolamento. Em uma delas, já profere uma fala de ruptura ao ameaçar o presidente pelos possíveis efeitos de uma decisão, favorável ao relaxamento do isolamento, caso viesse a ser efetiva: “Você será responsabilizado pelas consequências, pelas mortes” (Luiz Mandetta, em 16/04/2020).

Ao se despedir dos seus auxiliares, enfatiza a importância dos fundamentos que

regiam até então, as ações sanitárias por ele coordenadas no ministério. Profere um discurso modalizado exortativamente, ao convidar seus antigos assessores a trilhar os caminhos das instituições para defenderem o “discurso da ciência”:

“Este problema de demissão é insignificante, nada tem de significado que não seja na defesa da vida, do SUS [Sistema Único de Saúde] e da ciência. Fiquem nestes três pilares que deles vocês conquistarão tudo. A ciência é a luz, é iluminismo. Ajustem todas as suas energias através da ciência” (Despedida de Ministro Luiz Mandetta do Ministério da Saúde, Folha de São Paulo, 16/04/2020).

O clima de contendas entre as ações de combate ao vírus se agudiza na breve passagem do segundo ministro da Saúde a frente do cargo. Diante de sucessivas falas do presidente contra isolamento, o novo ministro, em tom didático e afirmativo, justifica porque as cobranças do presidente não podem ser atendidas:

“Ninguém está pensando em relaxar o isolamento. Neste cenário ninguém está pensando em flexibilizar nada. Ter uma diretriz pronta, um ponto de partida, mas não dá para você começar uma liberação social quando você tem uma curva em franca ascendência” (Ministro Nelson Teich, Ministério da Saúde, El País, 30/04/2020).

De contextos mais longínquos, chegam aconselhamentos técnicos sanitários que reforçam a importância das teses que a área de saúde vem adotando no Brasil, e ao mesmo tempo externalizam em tom diplomático reprimendas à tese contra isolamento e que se saíram melhor porque mantiveram a coerência em todos os níveis de governo, adotando “mensagem simples e engajaram toda a população em seus esforços” (Diretor Geral da OMS, FSP, 15/05/2020). Já fora do governo, o primeiro ministro da saúde então demitido, vaticina e avalia o que viria a ser a futura linha de ação do Ministério. Em tom de modalização avaliativa afirma que:

“Talvez ele, Bolsonaro, deva colocar lá uma pessoa que não seja médico, que não tenha muito compromisso e possa acelerar o que ele, porque fica difícil para um médico passar por cima de princípios básicos da ciência” (Ex-ministro Luiz Mandetta, Folha de São Paulo, 15/05/2020).

Às vésperas da demissão do segundo ministro da saúde, teses em defesa de ações multi-institucionais de combate ao vírus, são por eles defendidas, de modo afirmativo:

“A missão da saúde é tripartite, envolve o Ministério, conselhos, secretarias de saúde. Isso é uma coisa importante de se deixar claro. OMS acha que esta relação é verdadeira para conduzir o país, tanto em parte de estratégias, quanto na execução” (Ministro Nelson Teich, Ministério da Saúde, UOL, 15/05/2020).

Na sua saída, fez uma defesa segundo modalidade pedagógica, do que representaria

a “missão tripartite” da saúde. Destaca a importância do corpo de auxiliares e, ao mesmo tempo, o trabalho de campo como singular estratégia de observação e de escuta para se compreender as manifestações do vírus no cotidiano dos brasileiros.

“Tenho a honra e o prazer de ter estado ao lado dessas pessoas que, como respeito, sempre estiveram do meu lado, sempre me apoiaram e sempre trabalharam intensamente por este país. A gente iniciou as visitas nas cidades atingidas e isso foi fundamental. É fundamental você está na ponta e foi fundamental para a gente estar com as pessoas para entender o que acontece dia a dia, ver o que está sendo feito, entender melhor o que acontece na ponta. Este entendimento foi fundamental para o desenho de ações que foram implantadas em seguida, e isso é uma preparação para outros lugares, outras cidade. Agradeço profissionais de saúde mais uma vez. Quando você vai na ponta, e você vê o que é o dia a dia das pessoas, você se impressiona” (Despedida do Ministro Nelson Teich do Ministério da Saúde, UOL, 15/05/2020).

No contexto de avanço de número de pessoas acometidas com o coronavírus, novas orientações do governo decidem alterar a divulgação dos dados sobre avanço do vírus no país, com a oferta de um boletim trazendo apenas números relativos às últimas 24 horas. A mudança de metodologia recebe críticas públicas, e o governo é acusado de sonegar informações sobre o total de mortes e de casos novos. Uma das manifestações externadas sobre a alteração de publicação do boletim diário vem da parte do ex-ministro da saúde Luiz Mandetta. Expressando-a de modo avaliativo, disse: “Talvez isto que estamos presenciando é uma ótica mais de carreira promocional de cumprir missão, e esta missão se passa por sonegar informações contra número ou a favor da política” (UOL, 06/06/2020).

3.2. ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS CONTRA O ISOLAMENTO

Os discursos proferidos pelo presidente se enunciam segundo alguns operadores e modalidades enfatizando postura de recusa contra as teses dos sanitaristas, e destacando características de uma militância que se expressa em torno de uma retórica que contempla recusa, denúncia, exortação, negação, etc. A modalidade afirmativa formulada no enunciado seguinte, condensa sentidos através dos quais o presidente exterioriza a natureza do combate a ser travado contra o vírus, e que segundo o seu teor, distancia-se dos fundamentos defendidos pela área da saúde: “O vírus está aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, como homem (...) não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia” (O Globo, 20/04/2020). Trata-se de um discurso que além de exteriorizar um apelo de natureza convocatória, não faz alusões sobre outras possibilidades de atacá-lo. Mas estipula algumas pré-condições que contemplariam mais valorações morais, do que a observância de regras técnicas em convergência com as instruções sanitárias.

Ao mesmo tempo em que o discurso explicita um apelo pelo combate ao vírus, valora a sua ocorrência. Mas trata ao mesmo tempo de negá-lo depreciando e atacando

a qualidade da informação midiática: “A questão do corona não é isso tudo que a mídia propaga” (G1, 10/03/2020). Também emite opinião sobre o coronavírus, modalizando-a segundo uma avaliação reducionista e caricatural: “É uma pequena crise que, no meu entender, é muito mais uma fantasia” (10/03/2020). Neste caso, tenta “psicologizar” sua interpretação. Mas atribui ao vírus outra nomeação, e valora seu impacto ao comparar os efeitos de sua manifestação no seu próprio corpo: “Depois da facada não vai ser uma gripezinha que não vai me derrubar não, tá ok?” (Terra, 20/03/2020). Permanece no universo das sintomatologias. Desta feita, busca na associação entre o vírus e sintomas psicossociais fontes de seu diagnóstico: “Levaram um pavor para o público, histeria. E não é verdade. Estavam vendo que não é verdade” (Globo, 20/04/2020). Depois da “gripezinha” e da “histeria”, faz associação do vírus com outro sintoma, algo que designa como “uma coriza”: “Você nunca me veria aqui rastejando com uma coriza [...]” (Estado de São Paulo, 30/04/2020).

Atuando em outro flanco, o discurso político enunciado pelo presidente, valendo-se da ironia, escolhe adversários para desqualificá-los, sejam pessoas investidas de cargos institucionais, ou, então, as próprias instituições: “O pessoal fala tanto de seguir a OMS. (...) O diretor da OMS não é médico” (BBC, 23/04/2020). Também, interpela a imprensa sobre qualidade de sua cobertura, chegando mesmo a construir e justificar pautas de matérias nas quais deixaria, ele, de ser o principal foco: “A imprensa tem que perguntar o Dória [governador de São Paulo] porque mais gente está perdendo a vida em SP. Não adianta a imprensa botar tudo na minha conta, tá?” (Folha de São Paulo, 29/04/2020). Colocando-se como mediador, valora os efeitos do coronavírus. Constrói um cenário de polarização ao colocar a imprensa e atores políticos como adversários e enquanto vilões. Ao definir a temporalidade na qual este anúncio se cumprirá, se coloca como mediador da promessa feita explicitamente a aquele a quem trata como parceiro, no caso o povo: “Brevemente, o povo saberá que foi enganado, né por esses governadores e por grande parte da mídia nessa questão do coronavírus” (Terra, 22/03/2020).

O presidente responde de modo defensivo a uma pergunta de um jornalista sobre a sua avaliação acerca do número de mortes vitimados pelo vírus. E esquivando-se da complexidade que a pergunta lembra, prefere falar da morte, em tom de ironia, enfatizando: “Oh cara! Eu não sou coveiro, ta certo?” (Reuters, 20/04/2020). O presidente desloca respostas que deveriam ser dadas sobre questões que estão associadas a natureza do seu mandato.

Ao invés de comentar o impacto de mortes que se elevam diante dos efeitos de políticas governamentais (pró e contra o isolamento), se coloca de modo defensivo. E, nestas condições, repete o emprego da ironia, buscando aparente justificativa à interrogação jornalística: “E daí? Lamento! Quer que eu faça o que? Eu sou Messias, mas não faço milagres” (Folha de São Paulo, 29/04/2020).

O foco principal do “discurso de combate” proferido pelo presidente, concentra-se em enunciações em que explicita ataques aos fundamentos do “pró-isolamento” defendidos pelos sanitaristas. De modo geral são enunciações modalizadas de modo afirmativo: “O mal que teremos com o isolamento horizontal será muito maior do que o mal que teremos

com o vírus” (Folha de São Paulo, 25/03/2020). Para tanto, em termos argumentativos, compara os efeitos desta escolha diante daqueles causados pelo próprio vírus. Descreve em contextos mais genéricos, os efeitos desta decisão, mas não nomeia seus responsáveis, preferindo atribuí-los a coletivos vagos e imprecisos: “Muita gente, para dar satisfação ao eleitorado, toma providências absurdas fechando shoppings, tem gente que quer fechar a igreja, que é o último refúgio das pessoas” (Folha de São Paulo, 26/03/2020). Mas também retoma em contextos mais específicos, como perante ministros do Supremo Tribunal Federal, a argumentação segundo a qual as medidas suscitadas pelo isolamento passam a ser, segundo ele, mais danosas do que aquelas provocadas diretamente pelo vírus:

“Temos um problema que cada vez mais nos preocupa. Os empresários trouxeram aflições (...) a questão da economia não mais funciona. O efeito colateral do combate ao vírus não pode ser mais danoso do que a própria doença” (G1, 07/05/2020).

Abandona o tom argumentativo, para segundo um outro, de natureza interpelativa, explicar as razões que justificariam a abertura de alguns serviços:

“Saúde não é vida? Por que as academias estão fechadas? A imprensa iria gostar da resposta. Eu vejo as academias de musculação como um lugar onde previne doença, melhor do que você pagar um plano de saúde é fazer atividade física” (Estado de Minas, 08/05/2020).

Externaliza não poder tomar decisões contra isolamento, valorizando, contudo, condicionamentos que os impedem, embora não os explicita: “Se dependesse de mim, estava tudo aberto com isolamento vertical e ponto final” (Folha de São Paulo, 14/05/2020). E, quando explicita sua posição contra isolamento, ataca e prediz o destino de um amplo universo, constituído por todos os que apoiam esta medida, segundo enunciado afirmativo: “O desemprego, a fome e a miséria será o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento, do isolamento total” (Twitter, 16/05/2020).

Seus interlocutores, mesmo aqueles constituídos por apoiadores, são nomeados de modo difuso, abstrato ou indeterminado. Mesmo quando são por ele provocados, para realização de alguma missão, são designados de modos genérico e indeterminado:

“Seria bom fazer na ponta da linha, arranjar uma maneira de entrar e filmar [hospitais]. Muita gente tem feito isso, mas mais gente tem que fazer para mostrar se os leitos estão ocupados ou não. Se os gastos são compatíveis ou não isso ajuda. Tudo que chega para mim nas redes sociais a gente faz um filtro e encaminha para a Polícia Federal ou ABIN” (O GLOBO, 11/06/2020).

O “lugar de fala” do enunciador é explicitado através de marcas de autorreferencia que procuram destacá-lo como um personagem central, mesmo testemunhal, em questões que envolvem os efeitos do vírus. Ao negar ter sido afetado pelo vírus, dirige-se a um amplo coletivo – “o povo brasileiro” – com quem compartilha, em tom de conversação, efeitos de um cenário no qual estivesse acometido pelo vírus:

“Já pensou que prato feito para a imprensa se eu tivesse infectado. Não estou. É minha palavra. Não mentiria para o povo brasileiro. Mas não estou acometido. É minha palavra. A minha palavra vale mais do que um pedaço de papel” (BBC, 26/03/2020).

Segundo ainda marcas de autorreferencia explicita a importância do seu lugar como autoridade a ser reconhecida, exigindo que ordens sejam cumpridas, a respeito de adoção de medicamento para tratamento do vírus, à revelia da orientação das autoridades sanitárias:

“Estou exigindo a questão da cloroquina agora também se o Conselho Federal de Medicina decidi que pode usar a cloroquina desde os primeiros sintomas, por que o Governo Federal –via ministro da saúde– vai decidir, quando chegar qualquer ministro e falar o que está acontecendo. E a regra é essa... (...) eu sou o comandante, Presidente da República” (Terra, 14/05/2020).

Meses depois, fala para parceiros e discrimina adversários, ao mesmo tempo que atualiza, perante empresários rurais, suas posições contra isolamento social a quem nomeia de “conversinha mole” sem, contudo, especificar quem seria os seus enunciadores. Porém, alude a existência deles como uma espécie de adversários, nomeando-os como os fracos aqueles que mandaram as pessoas ficarem em casa:

“Vocês não pararam durante a pandemia, não entraram naquela onda de conversinha mole de fiquem em casa, que a economia a gente cuida depois. Isso é para fracos. O vírus eu sempre disse, era uma realidade, tínhamos que enfrentá-lo. Nada de acovardamento perante aquilo de que não podemos fugir” (UOL, 18/09/2020).

Contra os fracos, dirige aconselhamentos aos que não os acompanharam, nomeados como covardes.

4. NOTAS EM CONCLUSÃO

As breves reflexões aqui apresentadas, destacam processos observacionais sobre como sistemas sociais constroem, segundo perspectivas distintas, “ações comunicacionais” que colocam em circulação discursos sobre a disseminação do coronavírus no contexto brasileiro. Envolvem estratégias acionadas especificamente pelos sistemas epidemiológico e pelo político, não sendo operações discursivas específicas dos diferentes *media*, tão pouco do sistema político, e tão pouco apenas do sistema epidemiológico-sanitário. Mas de processos que as entrelaçam, segundo as dinâmicas de interpenetração de enunciações e de um trabalho signifiante que tem como referência a midiaticização.

Se a “gênese” do vírus e a sua circulação destacam-se como fenômenos complexos, o mesmo pode-se dizer sobre o trabalho que é feito sobre ele, na esfera da semiosis e dos

seus operadores, observação que pode se constituir em um aspecto preliminar, mas de importância capital para a investigação deste fenômeno, em termos discursivos.

O processo observacional aqui desenvolvido detêm-se, em primeiro lugar, sobre funcionamento destas duas modalidades de discursos (epidemiologia-política) devidamente situadas na ambiência da midiática. Mantém relações com outras referências discursivas, de várias naturezas, que funcionam como matrizes de coenunciações. A midiática aqui entendida transcende uma espécie de “lugar cenário”, enquanto receptor/transmissor de modalidades de discursos. Mais que isso, seus fundamentos, lógicas, operações, tecnologias, linguagens se constituem em insumos através dos quais os “discurso/saúde” e o “discurso-política” ganham e são impregnados de sentidos. A midiática mais do que apenas uma ambiência de reprodução se constitui em uma dimensão constituinte da produção e circulação de discursos sociais.

Segundo a análise aqui desenvolvida vemos que todas as manifestações discursivas enunciadas pelos sistemas em análise, se valem de coenunciações que são tomadas como referências para anúncios do discurso epidemiológico bem como do discurso político. Porém não se trata de uma tomada de empréstimo que funcionaria de modo aleatório, mas do próprio reconhecimento das singularidades de discursividades que são apropriadas e tomadas como referências para a atividade de produção de sentidos, por parte de estratégias de distintas práticas sociais (Mouillaud 2014).

Percebemos as disputas que travam discursos epidemiológicos e políticos, a partir de operações específicas no cenário da midiática. O primeiro, funcionando em regime de cooperação com outros discursos, se sustenta em termos de processos interacionais que organizam uma conversação social mais abrangente e convergente com os modos de conter o vírus no território social. O segundo, constituído em torno de lógicas lineares, adota prática discursiva que reconhece a existência do vírus, minimizando seu modo de ser, associando suas manifestações a recursos retóricos que acenam para outras instâncias de mediação, sejam minimizando-as e mesmo desqualificando seus métodos e racionalidades de enfrentamento. Infere-se, nestas condições, que o principal alvo do sistema político não é o vírus, mas discursos enunciados por outras instituições, que assim materializariam marcas de existência de um adversário por ele a ser combatido. Se cientistas não podem ser desconhecidos, suas teses devem ser desqualificadas pelo discurso político ao naturalizar fundamentos e argumentos enunciadas pelos experts. Conforme vimos acima, esta estratégia também se estende aos operadores do jornalismo, a quem o presidente chama de “bundões” que, diferente dele, diz “enquanto atleta que sempre fui” –e se fossem afetados pelo vírus a chance de sobreviver seria menor (UOL, 24/08/2020). Também ataca um dos pilares da racionalidade jornalística, cuja metodologia –centrada na formulação de perguntas– é por ele atacada frontalmente, ao se dirigir diretamente aos jornalistas: “A pergunta é tão idiota que eu não vou responder” (Folha de São Paulo, 29/04/2020). Ou, quando indo além da recusa da resposta à pergunta de um repórter, fecha o circuito do intercambio enunciativo: “Cale a boca! Cale a boca!” (Folha de São Paulo, 05/05/2020).

Embora situado em complexo ambiente da midiática, onde o discurso político é tensionado por outras discursividades, a modalidade através da qual o discurso político

aqui examinada está aquém de uma complexa compreensão que reconheça seu universo sendo constituído por atores diferentes –parceiros, adversários e indivíduos potenciais a se tornarem parceiros, ou não (Verón 1987). Situando a audiência como noção homogênea, esta modalidade de discurso político adota crença segundo a qual opera em torno de lógicas uniformes e cujos efeitos se produzem de modo linear. Assim seriam suas convicções, segundo as quais discursos outros –como o jornalístico, da saúde, etc.– seriam apenas insumos ou, então, “caixa-destinos” da sua emissão. Nestes termos, esta modalidade de discurso enfrenta de modo problemático a comunicação como um processo relacional, ao reduzi-la a protocolos de notificação. Mesmo que ela se produza, segundo padrões não lineares, especialmente no contexto da midiática, no qual enunciações discursivas de práticas sociais diversas se interpenetram –em meio as descontinuidades ensejadas por complexos “feixes de sentidos” (Verón 1980).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, J.L.** (2012) “Circuitos versus campos sociais”. Em Janotti Jr, J.; Mattos, M. Â.; Jacks, N. (orgs.) *Mediação & Mdiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPOS, 31-52.
- CASTRO, P.C.** (org.) (2017) *A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento*. Maceió: EDUFAL.
- (org.). (2018) *Circulação discursiva e transformação da sociedade*. Campina Grande: EDUEPB.
- CULIOLI, A.** (2010) *Escritos*. Compilado por Sophie Fisher y Eliseo Verón. Buenos Aires: Santiago Arcos editor.
- FAUSTO NETO, A.** (1999) *Comunicação e Mídia Impressa. Estudo sobre a Aids*. São Paulo: Hacker Editores.
- (2019) “Política entre ações comunicativas e circulações disruptivas”, *Rizoma*, vol.7, n.2. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 10-25.
- (2019) “Reflexões sobre a enunciação na sociedade em midiática: o discurso de combate”. Trabalho apresentado na 42ª *Intercom*, Belém/PA.
- (2017) “A circulação do impeachment: do artigo de fundo à página virada”. Em Castro, P.C. (org.). *A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento*. Maceió: EDUFAL, 235-256.
- (2018) “Dos circuitos à sentença: O impeachment de Dilma Rousseff no ambiente da circulação midiática”, *InMediaciones de la Comunicación*, v.11, 97-11.
- (2013) “Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?” Em Braga, J. L.; Ferreira, J.; Fausto Neto, A.; Gomes, P. G. (orgs). *10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 43-64.
- FAUSTO NETO, A.; MOUCHON, J.; VERÓN, E.** (orgs). (2012). *Transformações da midiática presidencial: corpos, relatos, negociações, resistências*. São Caetano do Sul: Difusão Editora.
- FLAHAUT, F.** (1982) *La parole intermédiaire*. Paris: Ed. du Seuil.
- LUHMANN, N.** (2008) *Introdução à Teoria dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes.
- MOUILLAUD, M.** (2014) *Le discours et ses doubles*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- SIGAL, S. y VERON, E.** (1986) *Perón o muerte*. Buenos Aires: Legasa.
- VERON, E.** (1990) *Le sida, une maladie d'actualité*. Causa Rerum. Buenos Aires: Paidós.
- (1997) “Esquema para el análisis de la mediación”, *Revista Diálogos de La Comunicación*, n.48, Lima: Felafacs, 10-17.
- (1987) “La palabra adversativa: Observaciones sobre la enunciación política”. Em Verón [et al] *El Discurso político: lenguajes y acontecimiento*. Buenos Aires: Hachette, 12-26.
- (1980) *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo.

